

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO EMPODERAMENTO DA PESSOA

Jesus Maria Sousa

CIE-UMa, FCS – Universidade da Madeira, angi@staff.uma.pt

1. Ponto de partida

No âmbito do meu Doutoramento em *Lettres et Sciences Humaines*, onde se inseriam, naturalmente, as *Sciences de l'Éducation*, na Université de Caen, em França, coloquei-me, a mim própria, aquilo que seria então um enorme desafio, que foi a construção de uma Teoria da Pessoa, naquele caso, mais centrada na figura do professor, seguindo um percurso metodológico misto de investigação (juntando abordagens qualitativas e quantitativas, recorrendo, por exemplo, à pesquisa histórica, à imersão no terreno de tipo etnográfico, e à investigação-ação, utilizando técnicas variadas, desde entrevistas para análise de conteúdo, a testes de medida, inspirados nas escalas de atitude de Likert, e outras mais), que depois deu origem à publicação do livro “O Professor como Pessoa”, em 2000, pela Asa Editora.

Decorridos mais de vinte anos, desde essa experiência sobre a possibilidade de se trabalhar para o crescimento pessoal dos estudantes do Curso de Professores do 1º ciclo do Ensino Básico, futuros professores, a partir da ação conjunta desenvolvida pelos respetivos professores da Universidade e cooperantes da prática pedagógica que os formavam, num processo claro de investigação-ação, em que se comprovou uma evolução na sua dimensão pessoal, eu, enquanto pesquisadora nesta fase da minha vida académica e profissional, reconheço que o empoderamento da Pessoa deve ser um desígnio geral da Educação, independentemente da profissão que a pessoa vier a exercer ou do papel que ela terá na sociedade.

2. Objetivos

E o que tem esta ideia do empoderamento da Pessoa a ver com o propósito deste livro?

Em articulação com a criação do curso de mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário, que se encontra ainda em avaliação pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), este Colóquio, sobre o mesmo tema, pretende refletir sobre os fundamentos científicos que sustentam as práticas de intervenção socioeducativa, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das comunidades regionais e locais. Ora, estando no centro desta preocupação social as próprias populações, não só as que serão alvo de formação e educação, como as que promoverão essa formação, o empoderamento da Pessoa torna-se obviamente um imperativo, que passa pela Educação.

Pois, o que nós pretendemos, afinal? Pretendemos todos uma sociedade evoluída e culta, mais justa, equitativa, pacífica e tolerante, ou seja, uma sociedade mais humana.

3. Clarificação de conceitos: Indivíduo *versus* Pessoa

E é no atual contexto de pandemia que atravessa o mundo e, particularmente o nosso País e a nossa Região, que se faz ainda mais necessário refletir sobre o tipo de desenvolvimento e progresso que queremos: ou um desenvolvimento que vá ao encontro dos discursos pragmáticos, economicistas, neoliberais, de racionalidade técnica e burocrática, de apelo à competitividade e à eficácia, ou um desenvolvimento que passe pela afirmação de valores universais em prol da coesão social, através da educação da e para a Pessoa, de forma a lhe conferir poder, isto é, capacidade de tomar as rédeas da sua própria vida, sem ser um brinquedo alienado das razões ocultas subjacentes às decisões que são tomadas externamente.

Passando para o plano da psicologia, estamos perante o dilema levantado entre o Indivíduo e a Pessoa, tão bem explicitado por Piaget (1975), quando diferencia estes dois conceitos, clarificando-os da seguinte maneira, no livro *Para onde vai a Educação?*:

[...] O indivíduo é o eu centrado sobre si mesmo e obstaculizando, por meio desse egocentrismo moral ou intelectual, as relações de reciprocidade inerentes a toda a vida social evoluída. A pessoa, ao contrário, é o indivíduo que aceita espontaneamente uma disciplina, ou contribui para o estabelecimento da mesma, e dessa forma se submete volonta-

riamente a um sistema de normas recíprocas que subordinam a sua liberdade ao respeito por cada um (Piaget, 1975, p. 60).

Se é um facto que vivemos num mundo da glorificação do êxito individual a todo e qualquer custo, em que o Indivíduo tende a se estruturar psicologicamente de uma forma narcísica, virado para si, com todos os riscos que o individualismo comporta, em alienação absoluta dos valores sociais, a Pessoa não é a que está no outro extremo, pois ela não é aquele elemento anónimo de organizações desmesuradas que dominam a vida pública nos seus aspetos económicos, políticos e culturais, que se demite da sua quota-parte de reflexão e participação crítica pessoal, com a sociedade a abafar, de uma forma ou de outra, o que ele tem de mais criativo e original. A pessoa não é o indivíduo que se esbate na consciência coletiva, ou seja, numa outra forma de alienação, também.

É esta Pessoa (humana) que, num equilíbrio entre o seu “eu” e os outros, se respeita, como respeita os outros, em interação dinâmica e interativa, por vezes conflituosa, que não receia ir contra a maré, nem de se distinguir da massa amorfa, pela sua personalidade.

4. Processos de construção de uma Teoria da Pessoa

Se desejamos formar essa Pessoa, temos então de sermos capazes de a conceptualizarmos, construindo uma Teoria sobre ela. A questão com que nos debatemos nos nossos dias, principalmente na área das ciências sociais e humanas, é se a Teoria reflete uma realidade, qual espelho que reproduz de forma mimética o que acontece, isto é, de forma objetiva, ou se a Teoria constrói uma realidade, pois ela, Teoria, pressupõe sempre um teorizador, ou seja, um sujeito, com toda a carga subjetiva que lhe é própria. Ao entrarmos num processo de conceptualização, que é essencialmente uma operação abstrata, estamos igualmente a dar vida ao conceito, operacionalizando-o em dimensões específicas, com indicadores para cada dimensão, numa tentativa de concretização, o que releva à própria experiência pessoal, pelo menos como ponto de partida.

Parti, por isso, das minhas próprias representações mentais do que é ser Pessoa, eventualmente influenciada pelo conceito rogeriano do “*On becoming a Person*” (Rogers, 1961). Mas ficar apenas pelas minhas representações, sem as confrontar com a de outros investigadores que dedicaram largos anos da

sua vida a escarpelizar o conceito de Pessoa, seria um ato pretensioso da minha parte. Essas minhas representações tiveram, portanto, de ser filtradas e buriladas, confrontando-as com outros estudos nos domínios da psicologia, biologia, sociologia e psicossociologia, que, de uma ou outra forma, também vieram valorizar a Pessoa humana. Refiro-me nomeadamente não só às teorias psicológicas personalistas e desenvolvimentistas, mas também cognitivistas, construtivistas e construcionistas, bem como à sociologia de tradição etnográfica de George Herbert Mead, à fenomenologia de Alfred Schütz, ao interacionismo simbólico de David Hargreaves e Collin Lacey, para não falar na perspetiva humanista de Maslow, Rogers e Combs. Da imersão nestes teóricos, em confronto com as minhas representações mentais, resultou a Teoria da Pessoa que passo a explicitar no ponto que se segue.

5. A Teoria da Pessoa: seus pressupostos

Esta Teoria assenta em três grandes pilares (Figura 1), que se constituem como seus pressupostos essenciais, como irei justificar:

Os três pilares do nosso modelo teórico



Figura 1

5.1. Desenvolvimento global

Existe no psiquismo humano um dinamismo de desenvolvimento global, que ultrapassa um simples crescimento automático ou biológico do organismo. Essa tendência para a realização pessoal tem implicações de natureza psico-cognitiva como afetivo-moral. A pessoa encontra-se sempre em desenvolvimento (global). Deste modo, quanto mais elevada for a sua estrutura cognitiva, mais capaz será ela de recorrer a estratégias diversas, de se adaptar a situações inesperadas, mais prazer sentirá ela no desempenho da sua atividade. Quanto mais elevado for o seu nível de desenvolvimento sociomoral, mais a sua autonomia e a sua participação serão privilegiadas, menos a autonomia e a participação dos outros constituirão ameaças à sua integridade. Os processos de ordem cognitiva não se encontram desligados dos processos de ordem afetiva e motivacional. Da mesma forma que os processos de desenvolvimento global (psico-socioafetivo) não se encontram desligados das condutas, das “performances”. A atuação da pessoa só pode ser lida de uma forma global, tendo muito a ver com a sua realização pessoal.

Efetivamente, numerosas investigações têm vindo a estabelecer uma conexão entre maturidade psicológica e competência de intervenção, nomeadamente, a ligação entre o desenvolvimento do ego e a capacidade de inovação. Estes estudos procuram demonstrar que os sujeitos nos estádios superiores de desenvolvimento gozam duma maior diferenciação das estruturas mentais e dum reportório mais vasto de capacidades. Tendo um modo de funcionamento mais complexo, são capazes de encarar situações problemáticas sem grandes preocupações ou angústias, analisando-as de forma mais detalhada para tomar as decisões mais adequadas.

5.2. A cognitização

O segundo pilar que lhe confere a tal dimensão pessoal humana é o que chamo de cognitização. A Pessoa é um sujeito essencialmente ativo e autorregulador na construção do seu desenvolvimento. Dotada de uma atividade inerente, dum princípio de auto-organização interna, ela desenvolve-se, agindo sobre o mundo e dando-lhe um significado determinado. Reorganiza cognitivamente o seu campo de padrões, de estruturas e de esquemas do pensamento, reagindo apenas aos elementos que lhe são significativos. O seu desenvolvi-

mento não é, portanto, o resultado da soma dos fatores exteriores ou naturais, mas implica a conscientização e a integração das mudanças a operar em si.

A Pessoa é um “cogitans”, reflexivo e cognitivo, liberto das cadeias do presente e da causalidade, que consegue se virar para o futuro, imaginar, conceber, criar e inventar. Como ser intencional, a Pessoa não realiza os projetos de outrem, pois está fortemente motivado a atingir os seus próprios fins. Ao admitir a cognitização do sujeito, estou a reconhecer determinadas características humanas tais como a capacidade de escolha e de tomada de decisões, a liberdade e a autorresponsabilidade, a participação e a inovação... Se aceitamos que a atividade voluntária do sujeito tem um fim consciente, temos de aceitar, então, que ele é responsável pelo seu comportamento e dono do seu destino, sendo o grande decisor da sua vida. Ao valorizar os fatores cognitivos do seu comportamento (a Pessoa age de forma consciente), estou a dar-lhe liberdade de ação e responsabilização correspondente, isto é, uma maior dignidade humana.

5.3. O equilíbrio entre a preservação de si e a necessidade de relação

O terceiro pilar da nossa teoria diz respeito ao equilíbrio ótimo entre a preservação de si e a necessidade de relação, na dinâmica a estabelecer entre a esfera do Indivíduo e a da Pessoa. Se o organismo biológico tem a necessidade de conservar a sua individualidade específica (as tais propriedades bioquímicas face ao ambiente - uma percentagem de açúcar, sais, proteínas, oxigénio, água, uma certa temperatura do sangue, etc.), ao nível psicológico, a esfera íntima da pessoa procura igualmente situações de bem-estar funcional, de conservação e de expansão de si, tantas vezes ameaçados por desequilíbrios que geram inquietudes e agitações interiores.

Mas não nos podemos esquecer de que a Pessoa se encontra num mundo e num meio social. A sua personalidade desenvolve-se, constrói-se e alimenta-se no contacto com o Outro. Se tem necessidade de se conservar (*self consistency*), deformando a perceção das suas experiências em função do autoconceito, da conceção que tem de si, ela tem igualmente necessidade de relação com o mundo e com os outros. Esta necessidade de contacto pode manifestar-se de múltiplas formas, ativas ou passivas, de dominação ou de submissão... O Eu não existe senão perante um Tu, a quem interpela constantemente.

Estas duas grandes tendências aparecem suportadas em estudos que todos nós conhecemos, oriundos de campos diversos. Jean Piaget referia-

-se aos processos de assimilação e acomodação no desenvolvimento das estruturas lógico-matemáticas, ou de centralização e descentralização, ou mesmo de egocentrismo e socialização no desenvolvimento sociomoral da criança. Também Joseph Nuttin aborda as necessidades de conservação de si e de relação com o mundo, quando menciona a necessidade de cada um se autodeterminar no meio dos outros, no quadro da sua vida social, em paralelo com a necessidade de contacto com os outros, de comunicação, de troca, de apoio, proteção, e amor... Diz mesmo que "...é precisamente porque se sente amado e rodeado de afeto que ele ganha confiança em si mesmo, que ele se sente 'alguém' e que se mantém ou se desenvolve psiquicamente." (Nuttin, 1972, p. 343).

O interacionismo simbólico raciocina igualmente neste sentido, ao fazer a distinção entre o mundo natural e o mundo social. Da mesma maneira que a luta entre os instintos e as pulsões sexuais e da vida e da morte, o Id, por um lado, e o mundo exterior, por outro, em Sigmund Freud, nos faz evocar, numa certa medida, a luta entre as forças centrípetas e as forças centrífugas, entre as forças de absorção e as forças de consumação ou as forças de retorno sobre si mesmo e as forças viradas para o mundo exterior, em Henri Wallon.

Também a aceitação de si – “being oneself” - e a aceitação do outro, em Carl Rogers, redimensionam estes dois grandes polos de atração que conduzem o indivíduo para uma personalidade adaptada, equilibrada e integrada. Uma personalidade devidamente integrada só se pode construir no equilíbrio, muitas vezes periclitante entre estes dois polos: Ego-Mundo.

6. A Teoria da Pessoa: sua operacionalização conceptual

Retomando estes três pilares da nossa Teoria da Pessoa, para a sintetizar, podemos dizer que o **Desenvolvimento da Pessoa** se processa de uma forma **global**, filtrado pela percepção/conceptualização (**Cognitização**) que ela tem de **Si própria** e do **Outro** (família, colegas, amigos, desconhecidos). Esta cognitização atua como focalizadora do significado das experiências que ela vive no seu dia-a-dia. Portanto, quanto mais positivas forem as conceptualizações que tiver de si e do outro, mais elevada será pressupostamente a sua dimensão pessoal, mais forte será como Pessoa.

Nascem assim as duas grandes categorias: uma **Conceptualização posi-**

tiva de Si e uma Conceptualização positiva do Outro. Como é que a Pessoa se vê? E como vê o Outro? Como é que filtra cognitivamente a sua figura e a figura do Outro?

Duas categorias do nosso modelo teórico

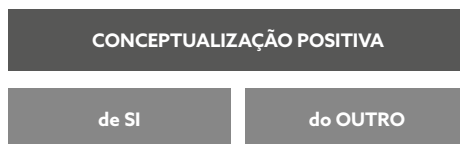


Figura 2

Estas duas questões levam ao desdobramento de cada categoria em subcategorias, seguindo uma determinada ordem de crescimento, que consideramos da mais simples à mais complexa. A Conceptualização positiva de Si encontra-se alicerçada sobre o grau de REALIZAÇÃO, AUTONOMIA e INOVAÇÃO, da mesma maneira que a Conceptualização positiva do Outro tem a ver com o grau de DEDICAÇÃO, RESPEITO PELA AUTONOMIA DO OUTRO e de EMPATIA como a Pessoa se percebe e percebe o Outro, se concebe e concebe o Outro. Como estamos a ver, cada categoria é configurada por três subcategorias.

Seis subcategorias do nosso modelo teórico



Figura 3

No que diz respeito à categoria da Conceptualização positiva de Si, considero que a REALIZAÇÃO é o ponto de partida essencial para o crescimento pessoal. Alguém diz-se realizado quando se sente feliz, alegre, bem disposto, otimista, entusiasta, com sensações de bem-estar, amado... No entanto, este tipo de realização não é suficiente “per se”. Como diz um provérbio turco, é possível sentir-se bem, tranquilo, se se for cego, surdo e mudo. Dito de outra forma, pode-se sentir bem, feliz, satisfeito, mas os idiotas também se sentem assim... O empoderamento da Pessoa começa por trabalhar a sua autopercepção, de forma que não se sinta deprimida, depressiva, pessimista, taciturna, sombria, melancólica. É importante resgatar a confiança em si mesma, trabalhando o humor da Pessoa.

A AUTONOMIA é a etapa que vem conferir à realização atrás mencionada a consciencialização dela própria. A este nível, falamos já duma realização autodeterminada, que tem consciência de si. A Pessoa tem consciência do seu espaço, da sua identidade, do seu valor. Ela aceita-se na sua diferença e aprecia-se em relação às outras pessoas. É segura de si, tem confiança nas suas capacidades, vê-se capaz de tomar decisões, de resolver problemas, sem se angustiar, sem se refugiar em casa, não foge aos problemas... É uma Pessoa que reflete conscientemente sobre si própria. A realização primeira valoriza-se desta forma.

A subcategoria da INOVAÇÃO leva-a, no entanto, a sair do espaço particular que a autonomia lhe dá, a romper o *status quo*. Ela consegue distanciar-se do objeto presente, do *hic et nunc* (aqui e agora), para assumir uma atitude crítica, projetando-se sempre no futuro. É capaz de fazer a avaliação do meio social onde se integra sem ter medo das reações dos que a envolvem. Considera-se uma Pessoa criativa, com projetos, com imaginação... Concebe-se participando na transformação progressiva do seu meio, não criticando apenas por criticar, porque a sua crítica é sempre acompanhada de capacidade de mudança.

Para cada uma dessas três subcategorias, escolhemos quatro indicadores (Figura 4). Tanto o número como as designações têm apenas uma utilidade de ordem prática, pela exemplificação ilustrativa.

Os indicadores da categoria **Conceitualização positiva de Si**

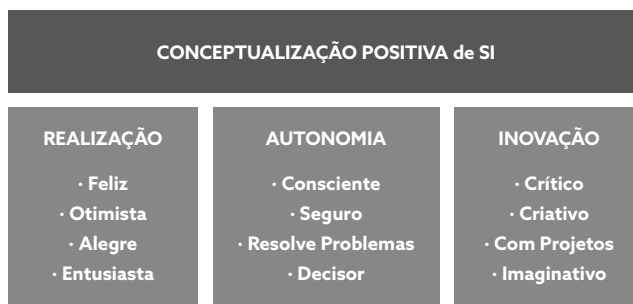


Figura 4

Mas, como já vimos atrás, se nos pautássemos apenas por esta Conceitualização positiva de Si, estaríamos a nos reduzir ao puro Individualismo. Por isso, importa perguntar: como a Pessoa percebe o Outro?

Neste âmbito, em termos de políticas sociais de intervenção, considero que é preciso um certo tipo de vocação, de sensibilidade, de entrega e de DEDICAÇÃO ao Outro (dedicação essa tanto maior quanto mais vulneráveis forem os setores populacionais com quem se irá trabalhar). A educação é uma área que exige uma disponibilidade especial para ouvir o Outro, para dialogar, com a capacidade de entrar no mundo do Outro. Essa Pessoa deve ver-se assim como alguém, que é amigo, em quem se pode confiar e com quem se pode partilhar sonhos, projetos e problemas, numa espécie de missão em prol do Outro, neste caso, os mais desfavorecidos. A generosidade e a solidariedade são características que pertencem igualmente a esta subcategoria de dedicação ao Outro.

A Pessoa deverá também ter RESPEITO PELA AUTONOMIA DO OUTRO. Ela será pluralista e inclusiva, alguém que conhece o espaço do Outro, que reconhece o direito à diferença, que sabe respeitar outras personalidades e outros projetos de vida. É aberta ao diálogo, a outras ideias e opiniões, valorizando diferentes tipos de saber, é tolerante e paciente para com os diversos ritmos de construção de conhecimento. Essa Pessoa procura compreender outras culturas, outros discursos provenientes essencialmente de camadas socioculturais e económicas diversas, já que aqui não nos confrontamos tão acentuadamente, como noutras paragens geográficas, com outras raças e outros ambientes civilizacionais.

No entanto, e em terceiro lugar, penso também que essa dedicação e tolerância relativamente ao Outro não podem ser cegas e inconscientes, pois se assim for, caímos no risco de transformar esses setores populacionais mais fragilizados em subsídio-dependentes, com pouca iniciativa e falta de empreendedorismo. É por isso que, da fusão da sua autonomia e do respeito pela autonomia dos outros, isto é, do equilíbrio entre o Eu e o Outro, sairá a subcategoria da EMPATIA. No fundo, é sentir e viver os problemas do Outro, sentir e viver as emoções e os sentimentos do Outro, sem se deixar envolver de tal forma que perca a própria identidade individual, num vazio de valores por tolerância excessiva, que, ao invés de os fortalecer, os deixará mais fracos no embate com o mundo real. Este é, em minha opinião, o nível mais elevado de socialização, participação, comunicação e troca interpessoal.

Os indicadores da categoria **Conceptualização positiva do Outro**

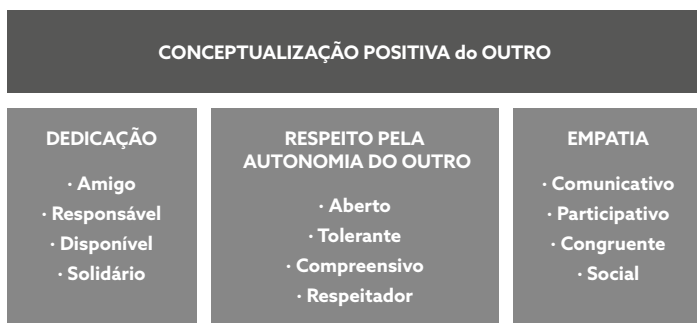


Figura 5

Da mesma forma que para a Conceptualização positiva de Si, os indicadores, aqui, quatro para cada subcategoria, também não esgotam o significado dos conceitos. Enquanto indicadores, os adjetivos que escolhemos indicam, a título ilustrativo, algumas características que contribuem para dar forma às subcategorias mencionadas.

7. Considerações finais

A melhoria da qualidade de vida das populações regionais e locais, ou seja, o desenvolvimento de uma Região como a nossa, passa pelo empoderamento da Pessoa, pela aposta que se fizer na sua formação científica, cultural e pessoal, sendo esta última dimensão muitas vezes negligenciada, como se de um dado adquirido se tratasse. É preciso investir na formação pessoal, principalmente na preparação dos técnicos que irão trabalhar em prol do desenvolvimento comunitário, aqueles que terão de “estabelecer diálogo com as autarquias, a igreja, as organizações não governamentais, os serviços públicos nas diversas áreas (proteção civil, economia, ambiente, segurança, saúde e outras) para concertar estratégias de ação, numa perspetiva multidisciplinar”.

Na reflexão conjunta para o delineamento do perfil desses agentes de intervenção socioeducativa, acordámos que deveriam ser observadores analíticos e críticos da realidade local, com base em conhecimento científico, para a deteção das áreas mais carecidas de intervenção, aptos a trabalhar para a coesão social, territorial e económica, bem como a intervir em contextos de risco por cataclismos naturais ou criados por mão humana, sendo igualmente defensores do ambiente e disseminadores de hábitos de saúde, além de capazes de combater todas as formas de preconceito e discriminação, através do diálogo intercultural.

Tal perfil é de uma enorme exigência, em termos de competências de natureza cognitiva, comunicativa, relacional, emocional, ética e metodológica, a desenvolver com ênfase na formação da Pessoa: uma Pessoa consciente de Si e do seu papel relativamente ao Outro, uma Pessoa psicologicamente realizada, madura e equilibrada, e fortemente comprometida com o desenvolvimento comunitário.

Referências bibliográficas

Combs, A. W., Blume, R. A., Newman, A. J. & Wass, H. L.. (1974). *The professional education of teachers. A humanistic approach to teacher preparation*. Allyn and Bacon.

Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. Harper.

Mead, G. H. (1963). *L'esprit, le soi et la société*. Presses Universitaires de France.

Nuttin, J. R. (1972). *Psicanálise e personalidade: uma teoria dinâmica da personalidade normal dentro de uma concepção espiritualista do homem*. Agir.

Piaget, J. (1975). *Para onde vai a educação?*. José Olympio Editora. UNESCO.

Rogers, C. (1961). *On becoming a person*. Mariner Books.

Sousa, J. M. (1995). *La dimension personnelle dans la formation des enseignants de l'enseignement de base à Madère*. Tese de doutoramento. CERSE. Université de Caen.

Sousa, J. M. (2000). *O Professor como Pessoa*. ASA Editores.